



NÚCLEO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CADERNO ESPAÇO FEMININO

GÊNERO E VIDA RELIGIOSA: REFLEXÕES HAGIOGRÁFICAS

GENDER AND RELIGIOUS LIFE: HAGIOGRAPHIC REFLECTIONS

GÉNERO Y VIDA RELIGIOSA: REFLEXIONES HAGIOGRÁFICAS

*Kátia Franciele Corrêa Borges*¹
*Marcella de Sá Brandão*²

RESUMO

Em diferentes sociedades e temporalidades a experiência religiosa pode ser estudada enquanto fenômeno social coletivo ou individual. Nesse sentido, está aberto ao pesquisador diferentes possibilidades de análise sobre a relação do humano com o sagrado. Tomando como pressuposto teórico a perspectiva de gênero, neste artigo objetivamos analisar fragmentos transcritos de narrativas da vida de santos e santas (narrativas hagiográficas) que foram publicadas no jornal religioso O Romano, de 1851 a 1853.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Vida Religiosa. Hagiografia.

ABSTRACT

In different societies and time periods, religious experience can be studied as a collective or individual social phenomenon. The researcher is therefore open to different possibilities for studying the human relationship with the "holy". Taking the gender perspective as our theoretical premise, in this article we will analyze transcribed fragments of narratives about the lives of saints (hagiographic narratives) that were published in the religious newspaper O Romano between 1851 and 1853.

KEYWORDS: Gender. Religious Life. Hagiography

* * *

¹ Doutora em História. Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil. E-mail: katiafcborges.2022@gmail.com, ou katiafcb@hotmail.com.

² Doutoranda em História. Programa de Pós-graduação em História pela Universidade Rural do Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: marcellasabrandao@gmail.com.

Introdução

No curso da história, a escrita de memórias e de trajetórias, a construção ou a formação de tradições não podem ser furtadas ao olhar crítico do/a historiador/a. Devemos questionar os usos, objetivos e construções narrativas, nos afastando de acepções conservadoras que buscam um discurso de verdade, totalidade imóvel ou alheia à história.

Ao lado de estruturas como sexualidade, vida doméstica, noções de público e privado, refletir sobre a religiosidade é um desafio que está posto para a historiografia social e religiosa de ontem e hoje. Seguindo o mote de Mircea Eliade, “todas as definições do fenômeno religioso apresentadas até hoje mostram uma característica comum: à sua maneira, cada uma delas opõe o *sagrado* e a vida religiosa ao *profano* e à vida secular” (ELIADE, 2008, p.7).

A religiosidade, vista como um fenômeno social – individual ou coletivo – verificado e vivenciado em diferentes sociedades e temporalidades, nos permite a análise da polivalência da experiência humana no campo religioso. No que concerne à experiência religiosa feminina e o registro escriturário desta, foram em geral relatadas ou registradas por religiosos que partilhavam com elas o convívio, seja como diretores espirituais, seus confessores, conselheiros ou admiradores (GONÇALVES, 2006, p. 106). Ou seja, muitas dessas mulheres passaram à posteridade por meio do olhar, da narrativa e da interpretação masculina.

Neste sentido, se entendemos a religiosidade como um fenômeno humano verificado e vivenciado em diferentes sociedades ao longo do tempo, nos deparamos com uma multiplicidade de vestígios e fontes históricas que nos coloca no desafio de ordem teórica e metodológica. Não se trata, neste artigo, de fazer um extenso panorama historiográfico sobre a relação do sagrado com o feminino, apenas. Pelo contrário, partimos da análise de um opúsculo hagiográfico transcrito e publicado no jornal religioso *O Romano*, para pensar a relação entre os modelos de vida religiosa feminina e masculina em relação aos marcadores de gênero presentes nessas narrativas.

Destarte, a categoria gênero e sua perspectiva teórica conduzirá o nosso olhar e análise sobre as fontes. O gênero é um constructo social, logo também é uma categoria analítica. Segundo Joan Scott, o estudo da categoria gênero é importante para se compreender os sexos e seus constructos sociais em diferentes sociedades e épocas. Desse modo, o gênero deve ser pesquisado de forma concreta, contextual, pois é “um fenômeno histórico, produzido, reproduzido e transformado em diferentes situações ao longo do tempo” (SCOTT, 1989, p.19).

O uso da categoria gênero se traduz numa nova forma de se pensar a história, questionando e historicizando aqueles termos que foram tomados como confiáveis e auto-evidentes. Scott (1989) ressalta que a história deve buscar analisar como significados subjetivos e coletivos de homens e mulheres, enquanto categorias de identidades, foram sendo traçados e legitimados.

Para Judith Butler o gênero é performativo. Isto é, o gênero é um conjunto de características inconstantes e seu efeito “substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. Consequentemente, o gênero mostra ser performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância” (BUTLER, 2018, p.55). Ao desenvolver este conceito a autora rompe com as categorias de corpo, sexo, gênero e sexualidade ao ressignificar o conceito para além da estrutura binária

Butler (2018, p. 6) também questiona a produção jurídica da linguagem e da política, ao afirmar que tratar “as mulheres como o sujeito do feminismo é em si mesmo uma formação discursiva e efeito de uma dada versão da política representacional”. Desse modo, o termo “mulheres”, tratado pelo feminismo como uma identidade em comum, representou um problema político.

As visões de Butler e Scott, embora diferentes, perpassam os estudos históricos e contribuem no embasamento teórico de novas pesquisas. Tomando como referências ambas as análises propomos analisar os discursos de gênero construídos a partir da perspectiva religiosa. Neste sentido, como

afirmado acima, elencamos como fontes algumas narrativas hagiografias publicadas no jornal *O Romano*, periódico católico que circulou em Mariana – MG, na segunda metade do século XIX³.

Hagiografias: histórias e narrativas que edificam a vida dos/as “santos/as”

Na tradição cristã católica, desde os primeiros séculos, é verificado o culto aos santos com o aparecimento dos mártires. De acordo com Andréia Cristina L. F. Silva, os mártires eram mortos em nome da fé cristã, por isso, foram lembrados e celebrados pelas “comunidades na data de suas mortes, que foi considerada como o dia do nascimento para a verdadeira vida” (SILVA, 2012, p.12). Segundo Leila Mezan Algranti, o culto aos mártires primeiramente se manifestou no local onde sofreram o martírio em nome da fé e onde foram enterrados. Na ocasião do aniversário do martírio do santo, os fiéis reuniam-se naquele local para regozijos e festas, e não para luto (ALGRANTI, 2004, p. 93)

Com o decorrer dos anos e com a institucionalização do catolicismo, o culto aos santos e a confirmação de santidade começaram a sofrer um processo jurídico por exigência dos papas. No século XI, segundo Silva (2012), a confirmação de santidade estava submetida à organização jurídica canônica, com a necessidade de averiguação pontifícia dos milagres atribuídos ao indivíduo tido como santo. André Vauchez salienta que houve um crescente envolvimento do papado no culto aos santos, pois o estabelecimento da canonização por meio de processo jurídico passou a ser mais usual a partir do século XIII, sobretudo no papado de Inocêncio III (1198-1216). A partir desse período, começaram a se instituir requisitos para a canonização, como a

³ Visando ampliar o entendimento da fonte optamos pela atualização ortográfica e fazer uma abordagem qualitativa.

comprovação das obras de piedade durante a vida e as manifestações de milagres após a morte (VAUCHEZ, 1998, p.14).

Quanto ao termo santo e beato, Silva (2012) mostra que, até meados do século XIII, essa nomenclatura era utilizada indiscriminadamente nos textos hagiográficos e na liturgia. Foi somente no século XV que os termos, santo e beato, foram entendidos de maneira distinta, conforme a determinação do papa Sisto IV (1483). Portanto, foi concedido o culto limitado, sendo permitido somente no âmbito de uma diocese, reino ou ordem religiosa àquele ou àquela considerado/a beato/a. A partir de Urbano VIII (1623-1644), todos os candidatos à canonização, “exceto os mártires, que são diferenciados pela heroicidade do ato máximo do sacrifício pela fé, deveriam satisfazer a três requerimentos para sua canonização: pureza doutrinal, virtude heróica e milagres post mortem” (SILVA, 2012, p.16).

A vida religiosa exemplar foi tema extensamente evocado de diferentes maneiras e disseminado por dispositivos múltiplos na história do catolicismo. Desde a narrativa oral, manuscritos ou até com o advento da imprensa, os exemplos de vida tiveram papel importante na conversão e catequização dos indivíduos.

No século XIX, com a circulação de impressos de todo tipo, a trajetória de vida exemplar e as hagiografias foram consideravelmente exploradas nas páginas do jornal católico *O Romano*. Desde o primeiro número do periódico até o último exemplar a que tivemos acesso, foram publicadas hagiografias de santos e mártires. Os exemplares deste jornal traziam em média duas páginas com a narrativa da vida de algum santo ou santa, retiradas dos livros de

conhecidos hagiógrafos como o inglês Alban Butler (1710-1773)⁴ ou do francês Jean-François Godescard (1728-1800)⁵.

De acordo com Cristiana Sobral, o texto hagiográfico comumente é visto e estudado conforme traços distintos de textos considerados historiográficos. Segundo a autora, a hagiografia é vista com dois elementos principais:

A) os extratextuais: a intencionalidade (promover a imitação, catequisar, edificar) e a funcionalidade do texto (promover ou apoiar o culto); B) os textuais: o discurso panegírico com enumeração de virtudes, o maravilhoso, a intertextualidade bíblica e litúrgica e a atemporalidade da narrativa. (SOBRAL, 2005, p.98)

Para evitar o enrijecimento de análises definidoras do texto hagiográfico, Sobral (2005, p.99) afirma que se deve considerar a narrativa hagiográfica também como histórica, “por ser um emblema da consciência coletiva num dado lugar e num dado tempo e por ter modelado o posterior entendimento de santo”, mesmo que contenha traços específicos do gênero que é “a subjetividade, a exemplaridade, o uso da retórica, etc” (2005, p.99). Dessa forma, a autora propõe que se deve entender o texto hagiográfico como uma biografia sagrada, sendo considerada, portanto, um gênero histórico que se centra não na trajetória civil de um indivíduo, mas na história sagrada e eclesiástica.

Insistindo um pouco mais a autora demonstra que o objetivo do estudo da narrativa hagiográfica é apresentar a santidade da personagem, pois esse tipo de texto é essencialmente argumentativo, cruzando um eixo sintagmático com outro paradigmático. Para entender a estrutura desses dois eixos, o primeiro estrutura a narrativa em quatro unidades:

⁴ Padre católico inglês e hagiógrafo. Publicou por volta de 1750 as suas *Vidas dos Santos*, que foi considerada desde então uma das obras mais importante sobre o assunto. Cobrindo uma área geográfica que se estende da Irlanda ao Japão, uma diversidade social que passa por Papas e imperadores até humildes servos e camponeses, num período histórico entre os séculos I e XVII, a obra apresenta modelos de vida virtuosa que se sacrificaram pelos ideais cristãos. Disponível em: <<http://www.newadvent.org/cathen/03090a.htm>> e <<http://www.fnac.pt/Vidas-dos-Santos-Alban-Butler/a98785>>. Acesso em: 9 nov. 2015.

⁵ Sacerdote da diocese de Rouen (França) em 1756. Foi membro da Academia de Ciências, literatura e artes de Rouen. É conhecido pelas traduções que fez da obra de Alban Butler, *Vidas dos Padres, mártires e outros santos principais*. Morreu em agosto de 1800. Disponível em: <<http://www.biblicalcyclopedia.com/G/godescard-jean-francois.html>>. Acesso em: 19 nov. 2015.

[primeiro] a Infância, que se desenvolve em filiação (nobre e poderosa), nascimento maravilhoso e precocidade; [segundo] a Maturidade, que se desenvolve no cumprimento de um ou vários modelos de santidade, e no seu sancionamento por Deus; [terceiro] a Morte, que se desenvolve em preparação, sinais maravilhosos e tumulação; e [quarto] o Culto, que inclui seriação de milagres póstumos e trasladações ou invenções de relíquias. (SOBRAL, 2005, p.101)

Dos quatro sintagmas apresentados, a autora explica que o segundo e o terceiro são nucleares, e o primeiro e o quarto, ainda que nem sempre presentes, são tipicamente hagiográficos.

Para Norma Discini, as hagiografias, de modo análogo às biografias, possuem temáticas sobre a vida de um determinado indivíduo. O que difere o modelo narrativo em ambos seria, de acordo com a autora, as “ressaltadas coerções éticas exercidas pela esfera de atividades religiosas, na qual circula a biografia dos santos” (DISCINI, 2012, p.77). Desse modo, a vida do santo/a hagiografado/a seria uma vida significativa em Deus (DISCINI, 2012).

A Romanização do Catolicismo

Para entender o contexto de publicação do jornal religioso do qual estamos tratando, se faz imprescindível compreender a atmosfera católica vivenciada nos idos da segunda metade do século XIX (e início do século XX), no que ficou conhecido na historiografia especializada como movimento de romanização do catolicismo.

Seu objetivo era combater o processo de mudança social e cultural que estava ocorrendo no Ocidente como a laicização, o desencantamento – em relação à religião – e a secularização, processos relacionados ao iluminismo e ao materialismo filosófico. No Brasil, estudos de Jorge Nagle e de João Valdir Alves de Souza demonstram que durante o processo de romanização do catolicismo a Igreja Católica procurou ocupar todos os espaços sociais, se impondo como grande empresa. Assim, incentivou a criação de seminários;

implementou o trabalho missionário e sua catequese; criou entidades religiosas sintonizadas com o Vaticano e interferiu nas entidades religiosas leigas, procurando regularizá-las com a Santa Sé, incentivou a formação de professoras (visando combater a ignorância do povo brasileiro) entre outras medidas (NAGLE, 1976; SOUZA, 2003).

Não obstante, os impressos de todas as formas (jornais, ordenações institucionais prescritas em Códigos, Bulas, Catecismos e outros documentos) se tornaram ferramentas úteis para a Igreja Católica colocar em execução o projeto romanizador. De acordo com Souza (2003),

O trabalho realizado por esses agentes é obstinado, vigoroso, metódico e disciplinado, isto é, ele constitui estratégias claramente definidas, a partir de um projeto de Igreja e de sociedade, e conta com uma vasta rede de mediadores. No contexto da romanização, porém, a Igreja destinava a parcelas da população um conhecimento mais sofisticado, produto do investimento que fazia no campo do conhecimento para enfrentar estruturas de pensamento rivais, ministrando-o através de ampla rede escolar, revistas especializadas e vigorosa imprensa. A outras parcelas, sobretudo às classes populares, destinava subprodutos da cultura religiosa, massivamente distribuídos junto às novas irmandades leigas e por ocasião das missões e do catecismo. Para todos, em maior ou menor grau, vigoravam a pedagogia do medo e o largo uso da violência simbólica. (SOUZA, 2003, p.2)

Para Ítalo Domingos Santirocchi a romanização representou um processo em que a centralização da Igreja Católica foi progressivamente acentuada em volta da figura do papa. A burocracia administrativa foi reaparelhada mediante reafirmação da sua doutrina e disciplina cujo propósito “era eliminar interpretações heterodoxas que nasciam das ingerências estatais e políticas, definindo, assim, os traços de sua identidade e universalidade perante o mundo moderno” (SANTIROCCHI, 2015, p.35-36).

O jornal *O Romano*, impresso na Tipografia Episcopal, tinha o incentivo de D. Antônio Ferreira Viçoso (1787-1875), bispo de Mariana – MG entre 1844 e 1875. O periódico circulou na diocese entre os anos de 1851 a 1853, apresentando-se como uma “Miscelânea dogmática, moral, ascética e histórica”. Sua periodicidade era semanal, geralmente saía da tipografia às

sextas-feiras ou sábados, cujos exemplares poderiam ser adquiridos pelos fiéis de três maneiras: avulsos que custavam \$ 160 réis; por uma assinatura anual de \$ 7:000 réis ou por assinatura semestral de \$ 4:000 réis – pagos antecipadamente – conforme aviso em primeira página do jornal. Sobre as seções contidas nas páginas, elas eram identificáveis conforme o título de cada texto e ficavam dispostas em duas colunas.

Jornal O Romano: hagiografia, vida religiosa e os marcadores de gênero

Levando em consideração o espaço disponibilizado pelo jornal *O Romano* para a publicação das vidas dos/as santos/as, é perceptível que esses textos possuíam um objetivo estabelecido e uma importância. Ao longo desta parte, vamos abordar alguns pontos mais expressivos dessas hagiografias, tendo como base de análise os autores acima referenciados.

Iniciamos nosso estudo com o texto *A Vida de São Vicente de Paulo*, fundador da Congregação da Missão. No texto publicado em março de 1851, São Vicente é colocado como um homem apostólico, “de que a divina Providencia se serve, para animar a piedade sobre a terra” (*O Romano. Vida de S. Vicente de Paulo. 15/03/1851*). Esse texto apresenta o eixo sintagmático conforme mostrado por Sobral (2005), como, por exemplo, a narrativa sobre o nascimento: “[...] mostrou desde menino um gosto particular para as práticas de piedade que seus pais lhe ensinavam segundo os princípios da religião” (*O Romano. Vida de S. Vicente de Paulo. 15/03/1851, p.76*). Aqui, vemos um menino que, desde tenra idade, mostra o gosto pela piedade e religião. Ao falar da preparação para a vida religiosa, novamente recorre à infância como momento em que se reconhecem destaque e aptidão: “Admiravam-se nele as virtudes, que constituem um digno Ministro de J. Cristo, uma humildade profunda, uma caridade heroica” (*O Romano. Vida de S. Vicente de Paulo. 15/03/1851, p.77*).

Os elementos citados fazem parte do sintagma da infância como o enaltecimento da precocidade para a vida religiosa, trazendo uma formalização mais genérica com relação à virtude e sabedoria do personagem hagiografado em comparação com outras pessoas de sua idade (Sobral, 2005). Além disso, o heroísmo e a vocação para a vida religiosa está destacado como uma precondição desde criança.

Destacamos agora a vida de *Santa Ignez Menina de 13 anos*, cuja narrativa faz exaltação à virtude, castidade e piedade. Possivelmente, a história dessa santa foi publicada para servir como um modelo edificante de castidade, pois ficam evidentes as passagens que tratam da pureza e do martírio vivido em nome de uma vida santa:

Quiz Deus que resplandecesse o poder da sua graça [...] para propor na pessoa desta menina, o exemplo de uma rara castidade, defendida de um modo o mais triunfante, e recompensada com a dobrada coroa do martírio, e da virgindade (O Romano. *Vida de Santa Ignez Menina de 13. anos*. 21/02/1851)

O texto enaltece a castidade da santa Ignez e defende que seu martírio foi uma coroação e um exemplo de fé. A narrativa coloca em destaque a beleza da menina Ignez, mostrando esse aspecto como o motivo pelo qual ela teria sido frequentemente assediada e tentada a quebrar o seu voto de castidade:

Sua formosura a fez procurar por muitas pessoas das mais qualificadas da cidade, que aspiravam-na desposá-la: e esta foi a primeira e principal causa da perseguição que se lhe suscitou, apenas ela respondeu, que já estava prometida a um esposo invisível, que eles não conheciam. (O Romano. *Vida de Santa Ignez Menina de 13 anos*. 21/02/1851)

A narrativa aborda o período do Império Romano, tido pelo autor como um tempo dos “imperadores pagãos”. Assim, santa Ignez teria sido denunciada porque professou a sua fé publicamente, motivo para o início dos tormentos que a personagem sofreu, enfrentando tudo

sem o menor movimento, nem perdia a serenidade de seu rosto no meio dos algozes que a cercavam [...]. Não basta dizer isto, mas acrescentaremos que fazia brilhar a sua alegria à vista dos tormentos, [...] e se apresentou pronta a sofrê-los. (O Romano, Ano 1, nº 09, 08/03/1851)

Nesse ponto da hagiografia, o sintagma da morte começa a ser desenvolvido. Conforme o trecho, Santa Ignez enfrentou seu martírio com serenidade e até alegria, mostrando sua determinação e fé. De acordo Sobral (2005, p.101), esses seriam os “sinais maravilhosos da preparação”. Com relação à castidade, a história estende-se, mostrando com detalhes quais foram os meios pelos quais a santa foi colocada à prova:

ameaçou a Santa de que a havia de mandar a um lugar de prostituição, aonde a castidade que ela tanto preserva, seria exposta aos insultos [...]. Ignez respondeu, J. Cristo é muito cioso da pureza de suas esposas; não há de sofrer que esta virtude lhe seja roubada; ele mesmo é sua guarda e protetor. Tu podes derramar meu sangue; mas meu corpo que é consagrado a Cristo, tu nunca será capaz de o profanar. (O Romano. *Vida de Santa Ignez Menina de 13 anos*. 21/02/1851)

Como graça concedida, a santa, mesmo tendo sido levada à prostituição, não teve sua castidade violada. O resultado, como mostra a hagiografia publicada no jornal, seria a morte, apresentada como um alívio: “condenou-a a ser degolada. A vista do algoz, encarregado da execução desta sentença, encheu de alegria a Santa Ignez. S. Ambrósio diz que ela caminhou para o lugar do suplício com mais prazer” (O Romano, *Vida de Santa Ignez Menina de 13 anos*. 21/02/1851). O sintagma da morte, de acordo com Sobral (2005), fará com que o/a hagiografado/a receba um anúncio prévio por revelação, o que demonstrará que o/a santo/a se encontrava preparado para o suplício, evocando sua alegria. No texto de Santa Ignez, que acabamos de ler, a morte foi encarada com alegria, pois sua castidade manteve-se preservada.

Para Sobral (2005), os sintagmas geralmente são estruturados segundo um modo temático ou um modo cronológico. No primeiro, é explicitada uma série de virtudes, como por exemplo, “o hagiógrafo declara que o santo era misericordioso e em seguida narra pequenos episódios onde o santo protagoniza ações de misericórdia” (SOBRAL, 2005, p. 101). No modo temático, não existe contiguidade temporal entre os eventos narrados. Já no modo cronológico, a vida do santo é narrada numa lógica temporal, buscando

demonstrar a realização coerente e ascendente do percurso de vida do personagem, que tende para a perfeição (SOBRAL, 2005).

Em outro texto do jornal analisado a vida de santa *Teresa de Jesus* foi publicada com riqueza de detalhes, sendo possível verificar os sintagmas correspondentes da narrativa hagiográfica. A precocidade e a maturidade da santa são ressaltadas no sintagma da infância: “desde a infância tinha santa Teresa tanto gosto para a oração, que procurava a solidão, para se dar com mais liberdade a esse santo exercício” (O Romano. *Vida de Santa Thereza de Jesus*. 08/03/1851). A maturidade da santa é colocada numa sequência de acontecimentos edificantes, como os anos de enfermidade sofridos por ela. Após a cura, as sequelas deixadas no corpo não a desanimaram em sua vida religiosa:

bem resolvida a procurar a perfeição do seu estado. A leitura das confissões de Santo Agostinho reanimou cada vez mais a sua confiança na divina bondade. Esta época foi para Teresa uma das mais memoráveis da sua vida. Deus derramou sobre ela os dons mais assinalados, e a encheu dos maiores favores. (O Romano. *Vida de Santa Thereza de Jesus*. 08/03/1851)

No sintagma da maturidade, é possível perceber que a narrativa começa a apresentar as possíveis graças concedidas à personagem, que seriam os dons da profecia e o seu impulso para a reforma dos Carmelitas como sinais da misericórdia divina:

abrasada em um santo zelo pela salvação das almas, Teresa procurou restabelecer a austeridade primitiva da sua ordem, para inspirar as almas que a compunham o amor da penitência. Seus exemplos davam novo peso às suas lições, porque ainda que fosse muito fraca a sua saúde, praticava todas as austeridade prescritas pela ordem. (O Romano. *Vida de Santa Thereza de Jesus*. 08/03/1851)

Em algumas narrativas, encontramos o exemplo edificante. A *Vida de Santo Antônio de Lisboa* foi ressaltada como exemplo de estudo. Nessa história, a erudição e dedicação do santo são ressaltadas, mas a narrativa adverte que não se podem esquecer a caridade e o espírito de missão:

Nasceu em Lisboa em 1195, e no batismo se chamou Fernando, mas mudou o nome para Antônio quando entrou na ordem de S. Francisco. Conta a história,

que Santo Antônio de Lisboa recebeu uma carta de São Francisco que dizia: “Parece-me que é a propósito que deis lições de Teologia aos Irmãos. Mas acautelai-vos, para que a grande aplicação ao estudo vos não seja prejudicial, extinguindo em vós, e naqueles a quem instruídes, o espírito de oração”. (O Romano. *Vida de Santo Antônio de Lisboa*. 11/01/1851)

A narrativa da *Vida de Santo Antônio de Lisboa* mostrou que ele seguiu o conselho de São Francisco e abandonou o ensino e a dedicação à teologia escolástica. A hagiografia conta que o personagem largou tudo, dando um exemplo de desapego e piedade ao dedicar-se à missão e à salvação das almas (O Romano, Ano 1, nº 2, 1851).

O espaço dado às narrativas de vida de santos e santas pode ser interpretado por vários ângulos. Um deles é a possível aprovação do público leitor a esse estilo. Desde a modernidade, o sobrenatural, de acordo com Paula Almeida Mendes (2017), revestia-se de uma importância nas sociedades do ocidente cristão. As ‘vidas’, termo para designar as vidas exemplares ou vidas dos santos/as, adquiriram uma importante função didática, edificante e disciplinadora já desde a modernidade com o catolicismo reformado (MENDES, 2017, p. 16).

Além disso, as vidas de santos e santas transcritas no jornal analisado podem demonstrar o caráter significativo que essa literatura representava para os editores do jornal, assim como para o próprio bispo de Mariana, incentivador do mesmo. A análise proposta não foi extensiva e muito menos tivemos o objetivo de esgotar toda complexidade que o tema exige. No entanto, é possível considerar que a publicação das vidas dos/as santos/as no periódico, demonstra a necessidade de que esse modelo textual se tornasse mais acessível ao público. Assim, com uma mensagem reduzida e direta, educativa e moralizante, as vidas de santos e santas ganharam espaço importante nas páginas desse jornal.

E por fim, ainda nos chama a atenção nessa análise os marcadores de gênero que as narrativas acima apontam. A característica de sabedoria e virtude destacadas nas vidas de São Vicente de Paulo e São Antônio Lisboa

demonstra o possível letramento dos personagens, aspecto este comum ao universo masculino de classe social elevada. Às mulheres o letramento não era uma constante, ainda que muitas fossem minimamente letradas, não tinham a instrução acadêmica possível aos homens.

Por outro lado, nas narrativas de vida de Santa Inez e Santa Teresa, fica aparente a valorização de uma vida casta e distanciada do mundo profano. Logo aspectos como o martírio, a solidão, a dor e a enfermidade são valorizados nas narrativas de vidas de mulheres santas. Em Santa Inez, para se consagrar como esposa de Cristo, a “coroa da virgindade” foi defendida com todo tipo de martírio sendo este sofrido com alegria. E em Santa Teresa, a vida enferma e solitária é interpretada como um pio exercício, mostrando que a vida profana não se relaciona com o modelo edificante esperado.

Por fim, a narrativa sobre a vida dos santos e santas parece corroborar com a afirmativa de Mircea Eliade, pois os exemplos de virtude, humildade e castidade demonstra a tentativa do catolicismo ultramontano em reformar o afastamento dos fiéis a uma vida secular (ou profana). Assim, se esperava de um “católico exemplar” uma vida religiosa e unida com o sagrado. De outro modo, para uma perspectiva de gênero, a narrativa da vida das santas demonstra um esforço maior em defesa da castidade e da pureza de seu corpo e alma, afastando os marcadores de feminilidade de características profanas como, por exemplo, a presumida beleza física.

Fontes

O ROMANO. *Vida de Santo Antônio de Lisboa*. Ano 1, nº 2, Mariana, 11 jan. 1851.

O ROMANO. *Vida de Santa Ignez Menina de 13 anos*. Ano 1, nº 7, Mariana, 21 fev. 1851.

O ROMANO. *Vida de Santa Thereza de Jesus*. Ano 1, n. 9, Mariana, 08 mar. 1851.

O ROMANO. *Vida de S. Vicente de Paulo*. Fundador dos Padres da Missão e das Irmãs de Caridade. Ano 1, nº 10, Mariana, 15 mar. 1851.

Referências

- ALGRANTI, Leila Mezan. *Livros de Devoção, atos de Censura: ensaios de História do Livro e da Leitura na América Portuguesa (1750-1821)*. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2004.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. [Recurso digital Kindle].
- DISCINI, Norma. Para o estilo de um gênero. *Bakhtiniana*, São Paulo, 7 (2): 75-94, jul./dez. 2012.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. Tradução de Fernando Tomaz e Natália Nunes. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GONÇALVES, Margareth de Almeida. Misticismo e subjetividade feminina na época barroca. In: TEIXEIRA, Faustino (org.). *Nas teias da delicadeza: itinerários místicos*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 103-127.
- MENDES, Paula Almeida. *Paradigmas de papel: a escrita e a edição de “Vidas” de santos e de “Vidas” devotas em Portugal (séculos XVI-XVIII)*. Porto: CITCEM, 2017.
- NAGLE, Jorge. *Educação e sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Material Escolar, 1976.
- SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. *Questão de Consciência: os ultramontanos no Brasil e o Regalismo do Segundo Reinado (1840-1889)*. Belo Horizonte: Fino Traço / S. Luís, EDUFMA, 2015.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Tradução: Christine Rufino Dabat Maria Betânia Ávila. *Educação e Realidade*. V. 20, nº2, julho-dezembro, p. 71- 100, 1989.
- SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão (coord.). *Banco de dados dos santos ibéricos*. (Séculos XI ao XIII). Rio de Janeiro: Pem/UFRJ, 2012. v. 2 (Coleção Hagiografia e História).
- SOBRAL, Cristina. O modelo discursivo hagiográfico. In: LARANJINHA, Ana Sofia. MIRANDA, José Carlos Ribeiro (Org.). *Modelo: actas do V Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, p. 97-107, 2005.
- SOUZA, João Valdir Alves de. Professoras e catequistas: o sentido da escolarização em internatos religiosos femininos. *Escritos sobre Educação*. Belo Horizonte: , v. 2, n. 1, p 21-32, jan-jun 2003.

VAUCHEZ, André. *La Sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Age: d'après les procès de canonisation et les documents hagiographiques*. 2 ed. Roma: École française de Rome, 1981. p. 43-44. apud. SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão (coord.). *Banco de dados dos santos ibéricos*. (Séculos XI ao XIII). Rio de Janeiro: Pem/UFRJ, 2012. v. 2 (Coleção Hagiografia e História)